

No país onde donos de carros elétricos sofrem bullying¹

Daniela Chiaretti²

Esse é mais ou menos o título de um artigo da revista alemã “Der Spiegel” de janeiro. Seria uma manchete inimaginável há uma década no país da “Energiewende”, o nome da transição energética alemã que estava em todas as bocas - por mais difícil que seja de pronunciar para não nativos. A maior economia do euro vive dias de estagnação econômica, uma sombria ameaça política e insatisfação crescente com políticas verdes que são, em boa medida, apenas um bode expiatório.

Por partes, então, que o problema é complexo, tem muitos lados e um tanto assim de nós. Os carros elétricos estão se tornando cada vez mais populares na Alemanha. O governo calcula um crescimento de quase 40% em um ano, chegando a 1,4 milhões em 2024 e a meta é ter 15 milhões de carros elétricos nas ruas do país até 2030. Hoje o número total de carros entre elétricos, híbridos e a combustão é de 49,1 milhões. Tudo muito lindo, tudo muito verde, tudo muito antenado à economia moderna e com o devido cuidado ao planeta e ao clima. Só que não.

Várias cidades alemãs vêm registrando atos de vandalismo contra carros elétricos. Quebram vidros, passam tinta nas portas, espatifam espelhos, cortam pneus. Parecem atos isolados, não há estatísticas oficiais nem se conhecem bem os motivos. Na imprensa há quem arrisque que se trata de um misto de despeito, medo e ignorância bem insuflado nas redes sociais.

As mensagens que circulam nas redes dizem que os carros elétricos vão acabar com a indústria automobilística alemã, que os postos de trabalho vão derreter, que o processo de eletrificação da mobilidade vai aumentar a dependência da China. “É um discurso de ódio e medo contra a transição energética, que tem a

¹ Artigo publicado em Valor Econômico. Disponível em:

<https://valor.globo.com/brasil/coluna/no-pais-onde-donos-de-carros-eletricos-sofrem-bullyin-g.gh.html>

Acessado em 19.03.2024

² Repórter especial do Valor Econômico

ver com o receio da mudança e a sensação de perda de liberdade individual para fazer escolhas”, diz o sociólogo Thomas Fatheuer. O primeiro motivo é um sentimento bastante universal; o segundo, muito alemão. Fatheuer, que foi diretor da Heinrich Böll no Brasil - a fundação ligada ao Partido Verde alemão - e viveu 18 anos em Belém, em Brasília e no Rio de Janeiro antes de voltar a Berlim, diz que o grande desafio da descarbonização alemã hoje parece estar no aquecimento das residências. A maioria é a gás. A partir de 2025, uma nova legislação diz que novas instalações a gás e petróleo nos edifícios serão proibidas. Houve gritos de desespero, depoimentos de aposentados aflitos, um clima agressivo à medida nos tabloides alemães. Há um longo prazo para que as casas alemãs deixem de ser aquecidas por combustíveis fósseis e o governo vai ajudar quem precisa, mas isso não se divulga muito. Há ataques contra Robert Habeck, o popular ministro da Economia e da Ação Climática, um dos quadros mais queridos do Partido Verde.

O desempenho da economia alemã pode ser o pano de fundo deste comportamento. O Fundo Monetário Internacional previu que a Alemanha teria a pior performance entre as grandes economias em 2023, com um PIB que poderia encolher 0,5%. As exportações estão em declínio, a inflação desacelera o consumo, os consumidores sentem o aumento dos preços - e a extrema direita joga a culpa nas políticas verdes.

Dois meses depois de o social-democrata Olaf Scholz tornar-se o novo chanceler alemão, substituindo Angela Merkel no fim de 2021, a Rússia invadiu a Ucrânia. O governo de coalizão entre os sociais-democratas (o SPD), os Verdes e o Partido Liberal sentiu o tranco. “A guerra disparou uma emergência absoluta na Alemanha, que precisava substituir o gás russo por alguma outra coisa”, lembra Fatheuer. “Em um país em que o inverno atinge 10°C ou 15°C negativos, a população tem medo de faltar energia para esquentar as casas.”

Habeck partiu em uma cruzada para conseguir gás liquefeito de petróleo sem poder se ater a critérios ecológicos ou políticos. A Alemanha comprou gás dos EUA (uma parte do fracking que os Verdes sempre rejeitaram), o ministro foi criticado ao ir buscar gás em países árabes com regime ditatorial e economia baseada em combustíveis fósseis. Em toda a Europa a população sentiu o aumento no preço da energia. Na Alemanha foi pior: a perspectiva da transição verde ficou lateral diante da urgência de tapar buracos energéticos.

Um ponto positivo, contudo, foi o crescimento das energias renováveis, a despeito de tudo. O governo fez uma lei que facilita licitações para estabelecer parques eólicos. A energia solar vem crescendo bastante, principalmente no Sul do país. No primeiro semestre de 2023, mais da metade (53%) do consumo de energia elétrica na Alemanha veio das renováveis. Esse percentual era de pífios 6% no ano 2000. A meta de uma das maiores economias do mundo ter 80% de sua energia elétrica produzida por fontes renováveis em 2030 pode ser alcançada.

A oposição, contudo, tem aproveitado as dificuldades para inflar o discurso populista. As pesquisas de intenção de voto mais recentes mostram que, se a eleição federal fosse hoje, os partidos da coalizão do governo teriam apenas 35%. Os liberais despencaram (de 11,5% para 4,7% hoje) e a SPD, também (de 25,7% para 15,4%). Os Verdes estão estáveis (14,8% na eleição para 13,8% agora). Mas a extrema direita, o partido conhecido pela sigla AfD, desponta como a terceira força política alemã - de 10,3% em 2021 para 18,4% agora. Eles não gostam de imigrantes, da pauta identitária nem de políticas climáticas. O que o Brasil tem a ver com isso? Tudo.